



Ano 4 | # 1 | edição semestral | junho de 2012

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Avanços Empíricos dos Gêneros Jornalísticos Brasileiros

Clarissa Josgrilberg Pereira¹
Maria Alice Campagnoli Otre²
Milena de Jesus Cardinal³

Para tratarmos sobre os avanços empíricos dos gêneros jornalísticos brasileiros baseamo-nos, essencialmente, no livro *Gêneros Jornalísticos no Brasil* (2010), organizado por José Marques de Melo e Francisco de Assis. A obra é uma coletânea de 13 capítulos, sobre os gêneros e formatos do jornalismo em uma perspectiva teórica, de caráter de revisão bibliográfica e, também, de pesquisas empíricas.

O livro figura, principalmente, ampliando os estudos de José Marques de Melo com base nos livros de Luiz Beltrão e é uma referência para quem estuda gêneros jornalísticos no país, pois organiza os últimos debates existentes neste campo de pesquisa da comunicação.

Além dos gêneros hegemônicos, opinativo e informativo, também estão presentes na obra importantes discussões sobre o diversional, o utilitário e o interpretativo. O estudo dos gêneros jornalísticos no Brasil não é novo, mas a crise profissional, alavancada pela internet, e o fato do Ministério da Educação ter incluído o estudo do jornalismo no ensino de primeiro e segundo grau, como iniciação no processo de cidadania, tornou o interesse pelo campo maior.

Um dos pioneiros do país a se dedicar a esse campo de estudo foi Luis Beltrão, que definiu os gêneros em opinativo, informativo e interpretativo. Após isso, José Marques de Melo deu continuidade às pesquisas dessa área e acrescentou à classificação de gêneros o diversional e o utilitário.

¹ Mestranda do curso de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo – Umesp.

² Doutoranda do curso de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo – Umesp.

³ Mestranda do curso de pós-graduação da Universidade Metodista de São Paulo – Umesp.

Uma necessária reflexão que a obra proporciona é a de que os gêneros não são estáticos, eles mudam com a sociedade e, por isso, exigem constantes pesquisas e análises. Na obra, além de importantes considerações sobre cada tipo de gênero, há também pesquisas sobre o assunto que foram realizadas em jornais, revistas e em diversas outras mídias do país.

Em todas as pesquisas empíricas realizadas, os dados levantados demonstravam que há grande espaço para o jornalismo informativo, seguido do opinativo, confirmando a tese de Marques de Melo de que esses são gêneros predominantes na imprensa brasileira. Nota-se também uma grande expansão do gênero utilitário ou jornalismo de serviço, isso porque a sociedade busca cada vez mais informações que possam ser úteis para suas tomadas de decisões.

Ao contrário do cenário demonstrado anteriormente, sobre os gêneros informativos e utilitários, os interpretativos e diversionais praticamente não aparecem em cena, o que já acontecia desde os anos oitenta, conforme demonstrou a pesquisa de livre docência do professor Marques de Melo, publicada em 1985. Um bom exemplo desse contexto é o artigo produzido pela jornalista e advogada Virgínia Salomão sobre a presença dos gêneros jornalísticos nas revistas regionais.

A pesquisa da autora é parte do estudo da tese de doutorado em que descobriu “como as identidades culturais são processadas pelas revistas regionais em favor da comunicação com público específicos”, (2010, p.183) na ocasião, ela faz indagações sobre os gêneros jornalísticos praticados nesse mercado. Para isso, Virgínia analisou cinco revistas e dentre as considerações da pesquisadora, aparece que as revistas regionais são basicamente informativas, seguida dos gêneros opinativo e utilitário e que o gênero interpretativo é pouco praticado e o diversional aparece apenas em duas publicações. Assim, Virgínia Salomão conclui que o jornalismo utilitário cresce nessa mídia e que o jornalismo interpretativo, antes bastante ancorado em revistas, está desaparecendo.

Além de trabalhar conceitualmente cada gênero, o livro também possibilita uma perspectiva histórica dos gêneros e formatos existentes, pois vai ao decorrer da obra apontando as revisões que foram feitas ao longo dos anos pelo professor José Marques de Melo e alguns de seus alunos.

Podemos afirmar que, além do conhecimento sobre os tipos de gêneros e seus formatos, uma das principais contribuições que a obra proporciona é a análise do que está sendo produzido em vários meios de comunicação. Um dado fácil de ser identificado nas pesquisas que o livro apresenta, é o de que o gênero informativo,

principalmente no formato notícia, é o que mais prevalece nas mídias analisadas. Em contrapartida, a presença do gênero jornalístico utilitário tem aumentado cada vez mais em todos os veículos de comunicação, é sobre isso que falaremos a seguir.

A ascensão do utilitário

Orientar os cidadãos é a principal função do gênero utilitário, que tem conquistado cada vez mais espaço na mídia nacional. O livro “Gêneros Jornalísticos no Brasil” traz um capítulo só sobre as características e os formatos do também chamado jornalismo de serviço. Na obra, o pesquisador José Marques de Melo aponta que o gênero utilitário começou a surgir com a sociedade da informação, que exige dos indivíduos ações rápidas na vida cotidiana. Além disso, este tipo de gênero se faz mais presente nas sociedades em que os cidadãos - consumidores prevalecem.

Como o gênero utilitário tem tido cada vez mais ascensão nos meios de comunicação, ele já pode ser considerado um gênero autônomo. A pesquisa realizada por Jacqueline Rios dos Santos (2010, p. 134), por exemplo, aponta que, em 1991, 40% da Revista Claudia era constituída pelo jornalismo de serviço, um ano antes, esse dado era de 25%.

Um interessante ponto retratado no livro é o alerta para a distinção que deve ser feita entre o gênero utilitário e a publicidade. Cabe ao jornalista discernir o que é de interesse só do emissor do que, de fato, é relevante para a vida do leitor. Ao gênero utilitário, quatro formatos são classificados por Melo, são eles: indicador, cotação, roteiro e serviço. Entretanto, a pesquisadora Tyciane Vaz (2010, p. 129) acrescenta mais dois: o olho e a dica.

Outro ponto a ser destacado é que o jornalismo de serviço, como explica a autora Tyciane Vaz, provoca uma ação ou uma reação em quem o lê, por isso, as informações precisam ser exatas e confiáveis para não quebrar a confiança que o leitor possui com o veículo.

No livro também há importantes contribuições sobre o gênero diversional, que é, ainda, muito pouco explorado pelos jornalistas. Entretanto, ele deve começar a receber mais atenção da imprensa, pois pode ser uma das formas que o jornalista tem de se aproximar mais do leitor, levando a ele informação de forma divertida.

Um fato que aqui consideramos muito importante de ser ressaltado é o de que o jornalismo diversional não se apoia de maneira alguma em dados ficcionais, ao contrário, toda a base de qualquer gênero jornalístico é sempre a realidade. A diferença

para este gênero está no fato de o jornalista se apropriar de elementos mais literários e subjetivos para conseguir maior proximidade com o leitor; e é sobre essa questão que discorreremos a seguir.

Pouca prática e muitas reflexões sobre o gênero diversional

“Nem tudo que um jornal publica é notícia”. Com essa frase de Temer (2007) o pesquisador Francisco de Assis inicia o capítulo Gênero diversional. Essa frase pode nos possibilitar ao menos duas leituras. A primeira, de que nem tudo que um jornal publica é notícia enquanto formato textual que faz parte do gênero informativo. A segunda leitura possível é a que apresenta, enfim, a função do diversional, que não necessariamente deve ser a de noticiar/informar algo, mas como Marques de Melo (apud ASSIS, 2010, p. 142) aponta, os conteúdos e estilos narrativos “se apresentam como ofertas de diversão para o público consumir em momentos de lazer”.

Os paralelos traçados por Francisco de Assis na tentativa de explicar o gênero diversional, porém, são confusos. Afinal, teria como tratar como iguais os conceitos *fait divers*, jornalismo literário, *features*, INFOtenimento e *New Journalism*? A nosso ver, não.

Enxergamos similitudes que classificam o diversional segundo seu estilo narrativo, onde se encaixa a comparação entre jornalismo literário ou *New Journalism*. Por outro lado, enxergamos outra categoria que congrega *features*, *fait divers* e o chamado INFOtenimento, sendo esta última categoria a responsável por se apropriar de outros formatos, como a notícia, para tratar de assuntos sem interesse público e com critérios de noticiabilidade duvidosos; em que está claro que a única intenção é oferecer um conteúdo que diverte; como a vida das celebridades ou outras informações “trash”. Neste caso, não é levado em consideração a diversão alcançada pelo estilo narrativo e tratamento de temas que podem se tornar atrativos, como propõe o gênero diversional apontado pelo professor Marques de Melo. Devido a isso, acreditamos que o autor do texto (ASSIS, 2010) se equivoca ao colocar todas essas denominações no mesmo tacho.

Se por meio dos outros textos presentes no livro o diversional é praticamente inexistente nas análises, como é o caso da quantificação feita por Maria Isabel Amphilo e Ana Regina Rêgo (Gêneros em jornais de prestígio) e Virgínia Salomão (Gêneros em revistas regionais), o “pseudo-jornalismo”, feito para divertir com conteúdos voltados à fofoca e sem interesse público algum, caracterizado como INFOtenimento, tem

contaminado o jornalismo mais do que se imagina. Basta abrir sites como G1 e R7, que encontramos editoriais dedicadas apenas a este tipo de “jornalismo trash”, Planeta Bizarro e Entretenimento, respectivamente.

Feitas as colocações sobre as denominações postas no capítulo, atenhamo-nos agora à classificação feita pelo professor Marques de Melo e explicitada por Francisco de Assis. O autor destaca que este gênero é complementar – por se diferir dos gêneros hegemônicos (informativo/opinativo) - e com caráter emocional, por ser a informação que diverte. Não restam dúvidas também quanto à necessidade de este tipo de produção ser pautado pela veracidade, que não pode ser substituída por qualquer relato ficcional.

O capítulo traz grande contribuição aos estudos dos gêneros, já que existe pouca bibliografia e definições sobre essa classificação segundo o próprio Assis, que destaca o fato de não haver referenciais suficientes a respeito de sua existência e/ou importância do diversional dentro do jornalismo.

Em 1985, Marques de Melo não havia encontrado vestígios desse gênero na imprensa brasileira. Posteriormente, em 2006, ele identifica três formatos jornalísticos: História de interesse humano, História colorida e História de viagem.

Segundo essa classificação, tem-se realmente produções mais saborosas principalmente quanto à narrativa, e com assuntos que, se num primeiro olhar parecem pouco importantes, trazem reflexões diversas. É o texto humanizado, carregado de detalhes que fazem a diferença no resultado das produções, aproximando jornalista e leitor.

No contexto do livro, aprofundar as discussões sobre o diversional, incluindo as imensas dúvidas que saltam da leitura, faz-se um exercício importante de reflexão. O gênero é situado dentre os outros quatro identificados por Marques de Melo (informativo, opinativo, interpretativo e utilitário), provocando-nos um olhar instigante quanto às classificações de gêneros. Em nenhum momento, porém, esse impulso classificatório se dá dentro de uma busca pela estabilidade, por uma classificação enrijecida, pois os gêneros são construídos socialmente e constantemente.

Devido a essa adequação social, inclusive quanto ao veículo em que será transmitida a produção, a obra traz também importantes nuances dos gêneros no rádio, na televisão e na internet, além de estudos em jornais e revistas. Apesar de alguns textos se chocarem quanto aos conceitos apresentados, o convite a pesquisar sempre mais os gêneros jornalísticos está posto como um desafio, que mais do que desanimar, instiga-nos a continuar no campo da pesquisa ancorada na práxis do jornalismo brasileiro.

Bibliografia

ASSIS, Francisco de. Gênero Diversional. *In: Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Paulo: Universidade Metodista, 2010. p. 141-162.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. *In: Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Paulo: Universidade Metodista, 2010. p. 23-42.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista, 2010.

SALOMÃO, Virgínia. Gênero em revistas regionais. *In: Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Paulo: Universidade Metodista, 2010. p.183-224.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Gênero Utilitário. *In: Gêneros Jornalísticos no Brasil*. São Paulo: Universidade Metodista, 2010. p. 125-140.